

Um (du)elo contemporâneo: o escritor e a profissionalização

A contemporary duel: the writer and professionalization

CARLOS ROBERTO DA SILVA

Professor do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

E-mail: carlosroberto@unipam.edu.br

Resumo: Este artigo é fruto de algumas notas de leitura feitas sobre o conto “O duelo”, de Sérgio Sant’anna, a partir das concepções de alguns pensadores acerca da contemporaneidade, como F. Jameson, Tânia Pellegrini e L. Perrone-Moisés, e suas relações com a arte produzida no contexto da globalização, em que o mercado se apropria da arte e de outras manifestações culturais por meio da indústria cultural, ou seja, transforma a arte em objeto de consumo, portanto, de comercialização. Isso provoca conflito de interesses entre o escritor, no caso da literatura, e o editor. O referido conto de Sant’anna, mesmo tratando de ficção, problematiza essas questões e nos põe, nós leitores, a par da problemática levantada por críticos e literatos.

Palavras-chave: globalização; literatura; mercado; editor; autor.

Abstract: This article is the result of some reading notes taken on the short story “O duelo” by Sérgio Sant’anna, based on the conceptions of several thinkers about contemporaneity, such as F. Jameson, Tânia Pellegrini, and L. Perrone-Moisés, and their connections with art produced in the context of globalization, where the market appropriates art and other cultural expressions through the cultural industry, essentially turning art into a commodity, and thus, subject to commercialization. This creates a conflict of interests between the writer, in the case of literature, and the editor. Sant’anna’s aforementioned short story, despite being a work of fiction, addresses these issues and enlightens us, the readers, about the predicament raised by critics and literary scholars.

Keywords: globalization; literature; market; editor; author.

“Escreve-se o livro:
eis o circo montado.
Vêm os acrobatas
para o salto sem redes.”
(Altino Caixeta de Castro)

A meu filho Hugo Vinicius

Pensar a sociedade contemporânea requer análise e interpretação de aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e artísticos, que implicam um contínuo jogo de interação e embates capazes não somente de acelerar o processo transformacional do

espaço¹ em que vivemos, mas também de torná-lo ainda mais complexo, tanto ao olhar irrequieto dos intelectuais de hoje, quanto ao modo de ver e estar no mundo dos sujeitos contemporâneos.

A consciência de que estamos inseridos em um espaço de perceptível e intensa mutação desencadeia a sensação de que “nós mesmos, seres humanos que estamos nesse espaço, não acompanhamos essa evolução; houve uma mutação no objeto que não foi, até agora, seguida de uma mutação equivalente no sujeito”². A avalanche de informações a que somos submetidos, a globalização que nos abala a identidade, os apelos ao consumo, a evolução tecnológica, o predomínio da mídia e o multiculturalismo são fatores que deslocam o sujeito e o fragmenta, (des)referencializando-o. Ao indivíduo, agora de natureza confusa, indefinida e plural, restam a angústia da solidão típica de nosso tempo e um real saturado de signos.

Nesse contexto plural, chamado pós-modernismo, dois aspectos que se entrecruzam merecem destaque: o estético e o social. Segundo Perrone-Moisés, “a estética é uma das esferas da vida social, e o que ocorre numa delas repercute nas outras”³. Mesmo que diante da situação mundial o questionamento estético pareça dispensável, mesmo que a literatura esteja ameaçada de extinção pelo bombardeamento da cultura de massa, ela ainda subsiste, surge com ares de alta literatura, correndo o risco de ser apenas acadêmica, ou se adapta ao mercado e às condições midiáticas - mesmo que rotulada de vulgar. Não se trata de julgar se é boa ou ruim, pois não temos parâmetros estabelecidos para tanto, porém é necessário aceitar que são fatores existentes na sociedade atual.

Assim, pretendemos ler o conto “O duelo”, de Sérgio Sant’anna, na concepção de que a literatura é manifestação da cultura de um povo e de que a globalização, inclusive cultural, é real e inevitável, independentemente de sua avaliação positiva ou negativa. Para Jameson, “a nova cultura pós-moderna global, ainda que americana, é expressão interna e superestrutural de uma nova era de dominação, militar e econômica, dos Estados Unidos sobre o resto do mundo [...]” e “a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral [...]”⁴. É possível que essas questões estejam permeando a produção literária contemporânea.

Ao analisar a relação leitor/editor/autor no Brasil das últimas décadas do século XX, Pellegrini conclui que “o que existe agora é uma intrincada rede de produção e consumo de preferências e tendências vinculadas à dinâmica do mercado”⁵, mercado esse, por exigência da globalização, comandado, sobretudo a partir da década de 70, por editores que preferem aguardar com prudência antes de investir em novos autores nacionais, empanturrando o mercado com os vendáveis autores estrangeiros⁶.

No conto de Sérgio Sant’anna, o escritor, insatisfeito com essa situação, mimetizado no narrador, trava um duelo: ser um escritor tradicional, mantenedor de

¹ Aqui, espaço é entendido na acepção dada por Jameson, 1997, p. 63-64.

² Jameson, 1997, p. 64.

³ Perrone-Moisés, 1998, p. 207.

⁴ Jameson, 1997, p. 31.

⁵ Pellegrini, 1999, p. 158.

⁶ Ver a esse respeito: Pellegrini, 1999, p. 160.

uma imagem aurática, idealista e utópica, como no chamado alto modernismo, que dizia não a uma realidade inaceitável, ou se vender ao mercado e, como diz Perrone-Moisés, aceitar e proclamar “o fim das utopias”⁷. O primeiro parágrafo do conto já anuncia esse conflito:

De um lado vinha eu (de onde? Desde quando?), com meu jeito nervoso de andar (muito cigarro, muita angústia), olhando fixo para um ponto cravado dentro de mim mesmo, eliminando todo o supérfluo da rua, [...] há um momento em que as cordas se partem, e é tudo⁸.

Numa atitude de inconformismo, o personagem-narrador se revela indeciso; mesmo assim, quer ir ao encontro do editor, pois

viver do próprio trabalho sempre foi uma ambição dos escritores não apenas brasileiros e, mesmo sentida como necessidade, nunca se resolveu muito bem na relação mantida com os ‘sagrados’ valores literários⁹.

O medo de perder a aura literária e de se tornar menor parece afligir o escritor. No final do século XIX, Machado de Assis já tematizou essa questão. Numa literatura de caráter intimista, o autor, no conto “Um homem célebre”, mostra um compositor que prefere ser o centésimo em Roma por compor uma música clássica a ser o primeiro de sua aldeia pela fama das polcas. Ao fim, aceita a proposta do editor para compor polcas e morre “bem com os homens e mal consigo mesmo”.

Parece que a questão se arrasta de longe, e os artistas não concordam com a substituição do estatuto de “puro objeto estético” da literatura por mercadoria. Pellegrini assinala as reações do escritor frente a esse duelo – parece que não aceitam, os artistas, passivamente a situação.

Os escritores adotam atitudes e desenvolvem formas que são respostas pessoais dentro de um campo de forças já estabelecido, com limites e pressões bem determinados. Nesse campo de forças estão em jogo dois tipos de atividade produtiva: a propriamente literária, função do escritor, e a industrial, a cargo das editoras. E os vínculos entre ambas nem sempre são harmoniosas¹⁰.

Em Sant’anna, essa atitude (já em desarmonia) se mostra com evidência. A descrição do narrador-personagem, de cunho psicológico, se opõe à descrição do editor, de perspectiva mais física; e, mesmo comparando a atitude dos dois — “de um lado vinha eu” e “do outro lado estava ele” —, o verbo *vir* mostra alguém que se desloca ao

⁷ Perrone-Moisés, 1998, p. 206.

⁸ Sant’anna, 1998, p. 9.

⁹ Pellegrini, 1999, p. 171.

¹⁰ Id. Ibidem, p. 170.

encontro de outro que já está, portanto, parado, à espera. É como se o representante do mercado estivesse certo de que o escritor vai ceder, ou seja, a literatura, mais cedo ou mais tarde, vai adequar-se ao mercado. Isso pode ser visto em “o duelo” na postura fria, calculista e até mesmo cruel do editor que, além de não dizer definitivamente não, ainda leva o escritor — no caso o narrador-personagem — para comer sanduíche americano e lhe narra a história de um escritor americano, Malcolm Montgomery, que se renega e se entrega às exigências do mercado, o que lhe propicia uma vida abastada. O argumento é bem convincente, veja:

– Isso foi no tempo em que ele tomava drogas, os anos utópicos, idealistas. Mas a vanguarda acabou, é chata, demodée, provinciana. A literatura comercial do novo Montgomery é uma opção de vida e um estilo, inclusive de vida. Tornar-se normal, um escritor de enredos fortes para o leitor comum, mas que permite ao leitor sofisticado uma outra perspectiva, está aí a verdadeira ironia, essencial, sem idiossincrasias, literatura¹¹.

Evidentemente, o que está em jogo, além do papel de ambos — editor e escritor — é o conceito de literatura. Para um, o escritor, ela é ainda algo que nos pode dar “ampliação do imaginário, encontro com o outro e autoconhecimento, capacidade de impressão e de expressão, visão crítica do real, emoção estética, felicidade da palavra que nos faltava e nos é dada”¹². Para o outro, o editor, a literatura é apenas um objeto que vende. Transforma-se em “mercadoria de grife na indústria cultural”¹³. O fragmento a seguir pode exemplificar isso:

Do contrário poderia também ter argumentado que eles, todos eles, publicavam um monte dessas histórias de amor e sexo com frases de efeito, só que sem a dramaticidade à beira do abismo da minha, numa relação tensionada até a náusea¹⁴.

Aqui, o narrador-personagem evidencia o conflito do escritor que recusa a literatura *pop* — o *best-seller* — para pagar o preço da arte permeada de vida. E o preço vem na resposta do editor: “Só que essas outras histórias vendem e não tenho culpa disso”¹⁵.

Dissemos, anteriormente, que os escritores encontram formas pessoais para superarem o conflito entre a atividade criativa da literatura e a repetitividade serial do mercado. Em Sant’anna, a construção *mise-in-abîme* da narrativa parece ser uma estratégia em que o autor burla a máquina editorial para contar uma outra história e, mesmo que seja na ficção, jogar o mercado na lata de lixo, junto com seus *mac-chichens* e

¹¹ Sant’anna, 1998, p. 11.

¹² Perrone-Moisés, 1998, p. 214.

¹³ Id. Ibidem, 1998, p. 206.

¹⁴ Sant’anna, 1998, p. 16.

¹⁵ Id. Ibidem.

mac-salads e big-macs, ou virá-lo de pernas para o ar. Ao apropriar, ironicamente, de um discurso eivado de norte-americanismo, o autor traça o perfil da literatura contemporânea que parece percorrer dois caminhos: o do academicismo ou o do mercado. Ao primeiro, não resta “senão encarar a janela, o presente, o vazio”¹⁶ e amargar a solidão e a exclusão. Ao segundo, tornar-se comum, pois “também aqui, agora, todos só pensam em dinheiro, adiantamentos, profissionalismo literário”.¹⁷ Sant’anna engendra uma narrativa capaz de desmascarar a flagrante contradição que angustia o escritor criativo: a necessidade de ser original, ou seja, narrar a sua história e a necessidade premente de viver do fazer literário. Ao discutir essas questões, o autor também propõe um meio termo, uma possibilidade: os valores literários e a própria literatura podem encaminhar-se para a Casa editorial, depois de penderem suas ‘perninhas’ para fora da lata de lixo. Essa alegoria metaforiza uma reviravolta na indústria cultural, ou seja, a realidade brasileira pode, seguramente, figurar em nossa arte e sobrepor-se ao enlatado norte-americano. É preciso dar espaço também para o escritor cujo papel parece ser, na visão de Sérgio Sant’anna, o de ser o herói capaz de enfrentar aquele que está, inevitavelmente, promovendo a crise daquilo que foi chamado de literatura. As atitudes tomadas pelo personagem-narrador de não aceitar a tradução de um livro de Montgomery e ainda atirar o editor na lata de lixo são exemplos desse herói. Por outro lado, após a reflexão, o mesmo escritor que havia refugiado para encontrar a sua I(E)figênia em uma montanha (talvez uma crítica ao escritor que se afasta da realidade para criar sua obra) retorna de lá sozinho. Até mesmo a mudança de nome da personagem feminina feita pelo narrador-personagem parece uma mudança de postura – uma adequação ao mercado, sem aceitar totalmente suas exigências.

Também é preciso pensar nos parâmetros que julgam o valor literário de um texto. Será que a pós-modernidade não pressupõe uma redefinição desses valores?

O conto, objeto de estudo, tematiza a solidão do mundo hipersemantizado, em que prolifera a cultura do consumismo, manipulado pelos mecanismos econômicos e as estratégias de marketing, que, por certo, provocam no sujeito uma crise de referencialidade e uma redefinição do fazer literário e de suas relações com essa realidade. O narrador-personagem questiona o editor sobre os parâmetros de avaliação: “Qual o seu parâmetro para avaliação do meu livro? As merdas que o público anda comprando ou as merdas que os resenhistas andam elogiando?”¹⁸. A resposta vem permeada de gestos do sujeito capitalista: “[...] enquanto tirava o charuto da gaveta, no qual pôs-se a fazer um burquinho com um fósforo, consciente de todos os clichês embutidos em tal gesto[...] – Isso que eu disse não chega a ser um veredito ... definitivo. Existe a cota certa de autores nacionais, que este ano... está preenchida. Com a nova política monetária, já se trabalha com algo parecido com um orçamento”¹⁹.

Diante de tal resposta, parece que a conclusão se faz óbvia: a consciência estética cede lugar ao conhecimento econômico, restando ao escritor a profissionalização. A criatividade pode estar numa escrita em que haja a simultaneidade: por um lado a

¹⁶ Id. Ibidem.

¹⁷ Id. Ibidem.

¹⁸ Id. Ibidem. p. 12.

¹⁹ Id. Ibidem. p. 12-13.

temática dos conglomerados urbanos, da marginalidade, da violência que comovem e agradam um público mais amplo, por isso vendável; por outro lado, uma arte que ofereça alento para o espírito, ou satisfaça o desejo criador do artista. A esse respeito, Pellegrini assinala essas transformações discutidas até aqui e as relaciona, ainda, com o leitor. Veja:

O caminho percorrido pela literatura brasileira, ao longo das três últimas décadas, no corpo a corpo com a maquinaria cultural, configura-se, ao fim e ao cabo, como pista segura e inequívoca a seguir na interpretação de um novo período histórico-cultural-literário, chamado Pós-modernismo, que no Brasil também já imprime suas marcas, entre as quais uma profunda crise naquilo que até então se conheceu como literatura. E a crise da literatura, como se viu, é também a crise do livro e do leitor, ambas provocadas por transformações profundas nos meios técnicos de produção cultural, que se traduzem também por reformulações nos seus modos de produção e de consumo²⁰.

Enfrentar esse duelo entre a gratuidade da arte e sua mercantilização sem perder a aura (autoridade) literária parece ser o conflito de Sérgio Sant'anna. Não como a utopia do final do conto: “[...] pois em vez de livrar-se de originais incômodos, um autor acabara de lançá-lo (o editor)²¹ na lata de lixo”²², mas inserir-se no novo contexto e exercer seu papel “no resto deste planeta pequeno”²³. O que chamamos superior e inferior, agora, interdependem-se, obrigando-nos a suspender o julgamento.

REFERÊNCIAS

GUMBRECHT, H. U. Minimizar identidades. *In*: JOBIM, J. L. (org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 115-124.

JAMESON, F. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1991.

PELLEGRINI, T. O Mercado. O livro e o leitor. O autor. *In*: PELLEGRINI, T. **A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea**. Campinas: Mercado de Letras, FAPESP, 1999. p. 147-174.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²⁰ Em artigo de Tânia Pellegrini intitulado A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado, extraído do site <http://www.unicamp.br/iel/memória/Ensaios/tania.html>.

²¹ Grifo nosso.

²² Sant'anna, 1998, p. 42.

²³ Id. *Ibidem*.

SANT'ANNA, S. O duelo. *In*: SANT'ANNA, S. **A senhorita Simpson**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 9-42.

VLASSELAERS, J. Tecnologia mediática e inovação literária. Trad. Renata Telles e Antonio Carlos Santos. *In*: ANTELO, R. *et al.* (org.). **Declínio da arte**. Ascensão da cultura. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica, 1998. p. 177-88.